

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)**

ELZA MARIA DA COSTA

ANÁPOLIS-GO

2010

ELZA MARIA DA COSTA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)

Estudo de caso apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para
obtenção do título de especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Anápolis-Go

2010

ELZA MARIA DA COSTA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)

TCC apresentado á coordenação do curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis-Go, 06 de Outubro de 2010.

APROVADA EM: _____ / _____ / _____ /NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. MS. Sueli de Paula

Orientadora

Agradecimento

Agradeço a Deus pela presença em minha vida por está junto a mim em todos os momentos me dando força nos mais espinhosos caminhar.

Obrigado por me conceber sonhos, oportunidades e realizações, creio Senhor que tens planos para minha vida profissional do qual quero fazer sempre por merece, pelas as graças concebidas o meu eterno obrigado senhor meu Deus.

Sumário

Apresentação	6
2. Diagnostico Psicopedagógico Clinico.....	
2.1- Instrumentos Utilizados	
2.1.1- Anamnese	
2.1.2 - Entrevista com o cliente	7
2.1.3 - Provas de Diagnóstico Operatório	8
2.1.4 - Provas Projetivas Psicopedagógicas.....	
2.1.4.1- Eu e meus companheiros.....	9
2.1.4.2 - Família Educativa	
2.1.4.3 - Par Educativo	
2.1.5 - Provas Pedagógicas.....	
2.1.6 - Entrevista com a Professora	
2.1.7- Observação do Material Escolar.....	10
2.1.8 - Hora do Jogo	
2.1.9 - Atividades Lúdicas	
2.1.10 - Jogo de Regras.....	11
2.2 - Análises dos Instrumentos Utilizados.....	
2.2.1- Anamnese	
2.2.2 - Entrevista com o Cliente	13
2.2.3 Provas do Diagnóstico Operatório.....	
2.2.3.1 Classificação: Mudança de Critério. (Dicotomia)	
2.2.3.2 Prova de Intersecção de Classe.....	14
2.2.3.3 Classificação: Inclusão de Classe	
2.2.3.4 Prova de Conservação (Transvasamento)	
2.2.3.5 Prova de Conservação de Peso	15
2.2.3.6 Seriação.....	
2.2.4 Provas Projetivas Psicopedagógicas	
2.2.4.1 Eu e Meus Companheiros	
2.2.4.2 Família Educativa.....	16
2.2.4.3 Par Educativo.....	
2.2.4.5.1 – Língua Portuguesa.....	17
2.2.4.5.2 - Matemática.....	
2.2.6 - Entrevista com a Professora	19

2.2.7 - Observação do Material Escolar.....	
2.2.8. - Hora do Jogo	20
2.2.9 - Atividades Lúdicas	
2.2.10 - Jogo de Regras.....	21
3. Hipótese Diagnostica.....	
4. Sugestões e Encaminhamento.....	
4.1 - Sugestões para Família	22
4.2 - Sugestões para Escola.....	
5. Conclusão	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23
Anexos	25

Apresentação

Este estudo de caso teve como origem o Estágio Supervisionado em psicopedagogia Clínica, cujo objetivo era o diagnóstico psicopedagógico, clínico de uma criança.

De acordo com Bossa, (2000). A psicopedagogia e a área de conhecimento que estuda a aprendizagem humana, tem como objetivo de estudo a aprendizagem humana, como se dá o aprender, suas variações e os fatos implicados, como ocorrem as alterações na aprendizagem e como preveni-las.

Segundo Bossa, (2000). O objetivo é facilitar o processo de aprendizagem não apenas no ambiente escolar, mas em todos os âmbitos: cognitivo, afetivo, social e durante toda vida.

A psicopedagogia cuida do ser que aprende, pois deve evitar o fracasso e facilitar os processos de aprendizagem.

A psicopedagogia está dividida em duas áreas Institucionais e Clínica. A psicopedagogia Clínica tem como missão, retirar as pessoas da sua condição inadequada de aprendizagem, dotando – se de sentimento auto – estima, fazendo as perceber suas potencialidades, recuperando desta forma, seus processos internos de apreensão de uma realidade, nos aspectos: cognitivo, afetivo – emocional e de conteúdo dos acadêmicos.

Mediante Bossa, (2000). O diagnóstico psicopedagógico é um processo que possibilita o psicopedagogo buscar dados importante levando a hipóteses, temporárias que no decorrer das sessões serão afirmadas ou não, através de estudo criteriosos com embasamento teóricos de estudiosos na área que tem como intuito favorecer para adequação do sujeito ao ano escolar que cursa.

De acordo com Bossa (1997. P.9). É uma ilusão pensar que tal processo, nos conduza a todos a um único cominho. O tema da aprendizagem tamanha complexidade que tem a dimensão da própria natureza humana.

Segundo Ferreira (1982, P. 1412). Psicopedagogia é o estudo da atividade psíquica da criança e dos princípios que daí ocorrem para regular a ação educativa do individuo.

A psicopedagogia está dividida em duas áreas institucional e clínica. A psicopedagogia clínica é a área da psicologia que enfatiza o diagnóstico explicando com objetivos.

Durante o estágio que foi realizado no período de junho a setembro foram realizadas as seções de diagnósticos quando foi atendido I de 9 anos, sexo feminino, que estuda na escola I.L.S que apresenta a queixa familiar.

Segundo a mãe:

I sabia ler quando estava na creche, mas depois que ela entrou na escola ela tem dificuldade na leitura e na escrita e mistura letras”.

Feita por M Z e a queixa escolar. Segundo a coordenadora il apresenta dificuldade de leitura e escrita e raciocínio matemático.

2. Diagnostico Psicopedagógico Clínico

2.1- Instrumentos Utilizados

2.1.1- Anamnese

De acordo Weiss (2008). A Anamnese tem por objetivo colher dados significativos sobre a história da vida do paciente. Obter dados para levantamento de hipótese sobre a possível etiologia do caso. Outro aspecto a se avaliar como e com quem fazer essas entrevistas.

Qualquer que seja os participantes ou a dinâmica vivenciada a anamnese é um momento de mobilização que de algum modo deve possibilitar a família continuar a busca da cura.

2.1.2 - Entrevista com o cliente

Segundo Weiss (2008. P.52 e 57). É necessário confiança para que haja a livre circulação de sentimento e informação.

Em todo o momento a intenção é permitir ao sujeito construir a entrevista de maneira espontânea porem, dirigido de forma experimental. “Interessa observar seu conhecimentos, atitudes, destreza, mecanismo de defesa, ansiedades, áreas de

expressão da conduta, níveis de o penatividades, mobilidade horizontal e vertical".
Visca (1987 P.72).

2.1.3 - Provas de Diagnóstico Operatório

O nível de construção alcançado pela criança em cada uma das noções e sua muita inter-relação fazem referência, ao grau de estrutura operatória que predomina em cada etapa do desenvolvimento, mediante as provas do diagnóstico operatório, nos é possível destacar o nível de estrutura cognitiva com que o sujeito é capaz de operar na situação presente.

Mediante as provas de diagnostica operatório, algumas provas visam sobre a noção de conservação de quantidade, referindo-se a aspectos numéricos geométricos ou físicos, e outras indagam as questões vinculadas as classes e as relações.

De acordo com (Mac Donell, 1997, p.4) A Prova de Diagnóstico Operatório nos é possível compreender o nível de pensamento alcançado pela criança. Em cada uma das noções e sua muita inter-relação fazem referência ao grau de estrutura operatória que predomina em cada etapa do desenvolvimento, mediante as provas do diagnóstico operatório, nos é possível destacar o nível de estrutura cognitiva com que o sujeito é capaz de operar na situação presente mediante as provas de diagnostico operatório, algumas provam visão sobre a noção de conserva – se a aspectos numéricos geométricos ou físicos, e outras indagam as questões vinculadas as classes e as relações

As idades de aquisição das estruturas de pensamento e mesmos os intervalos se relacionam sempre com as condições sócio-culturais e, mais especialmente com as escolares. E não e demais lembrar que se em algum momento se faz referencia a idade cronológica, só pretende-se oferecer um critério de caráter didático para a melhor compreensão do assunto. Mac-Donell (1995 Pg4)

2.1.4 - Provas Projetivas Psicopedagógicas

São instrumentos que permitem investigar o vinculo que o sujeito estabelece com a aprendizagem propriamente dita, como também com as circunstancia dentro das quais se opera a construção da mesma.

Tem como objeto geral investigar a rede de vínculos que o sujeito pode estabelecer em três grandes domínios: o escolar, o familiar e consigo mesmo. (Visca, 1994)

2.1.4.1- Eu e meus companheiros

“Estudar o vínculo de aprendizagem com os companheiros de classe” (Visca, 1995)

2.1.4.2 - Família Educativa

Segundo Visca (1995), o objetivo de prova projetiva psicopedagógica e Família Educativa é compreender o vínculo de aprendizagem e o grupo familiar.

2.4.4.3 - Par Educativo

O objetivo de Par Educativo é investigar, analisar aspectos referenciais dos vínculos com a aprendizagem. Visca (1995)

2.1.5 - Provas Pedagógicas

Conforme (Weiss, P.94). Distinguir a problemática existente em torno do período que se dá basicamente o processo de alfabetização da que ocorre no desenvolvimento de leitura e escrita nas demais séries. Weiss, (2008).

A investigação do nível pedagógico pode ser feita de diferentes maneiras. Uma delas é através do uso das chamadas provas pedagógicas clássicas. Consistem estas no uso de material graduado (textos de leituras, séries de problemas etc.). Com dificuldade crescente, que proporcionará o sujeito dentro de diferentes níveis de uma escala de produtos. Penso que com essa forma de avaliar há a produção de provas de sala de aula, resultando na repetição da própria “queixa”. Esse produto pode ser obtido na análise do material da sala de aula, das provas e nas entrevistas com a equipe escolar, funcionando com o complemento da avaliação pedagógica do diagnóstico..

2.1.6 - Entrevista com a Professora

A entrevista escolar comumente ocorre com o orientador educacional, supervisor pedagógico ou psicopedagógico escolar, que nos transmitem a visão dos professores sobre a conduta em sala, os relacionamentos com os colegas e com os próprios profissionais além da produção nas diferentes disciplinas. Conhecer os valores e normas da escola (em termos pedagógicos e disciplinares) tipo de exigência, tipo de clientela e corpo docente auxilia a contextualizar a queixa escolar

familiar, e se avalia se existe uma reação do paciente a situação escolar específica ou se a problemática é mais pessoal e familiar. (Weiss 2008 Pg.94)

2.1.7- Observação do Material Escolar

A análise do material escolar implica verificar a metodologia utilizada em sala de aula, ou seja, a qualidade didática. Por exemplo, no que se refere ao erro, observa-se o tipo de erro ou acerto do paciente, o modo como esse é assinalado, revisto e trabalhado na construção do conhecimento. Observa-se também como anda a organização em nível de antecipação e estruturação das atividades, o cuidado ou não com os seus diferentes materiais. (Weiss, 2008 Pg.94)

2.1.8 - Hora do Jogo

“A interpretação da Hora do Jogo Psicopedagógica aponta para aspectos diferentes da interpretação geral simbólica analítica, já que o que nos interessa principalmente é a relação do sujeito com o conhecimento e o saber”.

Utilizamos a “Hora do Jogo” para compreender alguns processos que podem ser levados a gestação de uma patologia no aprender, já que:

- O espaço de aprendizagem e o espaço de jogar são coincidentes
- Ambos os processos tem momentos analógizáveis.
- A modalidade desenvolvida no jogo e o tipo de tratamento do objeto lançam luz sobre a cena de aprendizagem.
- O brincar possibilita o desenvolvimento das significações de aprender a que nos adultos aparece no motivo de consulta, principalmente na linguagem verbal, na criança se expressa através da linguagem lúdica. Fernández (1990).

2.1.9 - Atividades Lúdicas

“Segundo Pain, (1985, P. 50 e 51). A atividade lúdica inclui três aspectos da função semiótica que, a partir do ponto de vista evolutivo, começa aos 2 anos. Uma vez construído o mundo prático, são eles o jogo, a imitação e a linguagem”.

“O jogo propriamente dito é uma atividade predominantemente assimilativa, através da qual o sujeito alude a um objeto, propriedade, ou ação ausente por meio de um objeto presente que constitui o símbolo do primeiro e guarda com ele uma relação motivada. A imitação, entretanto, é uma ação postergada, internalizada como imagem, que permite à criança realizar ações simbólicas sobre objetos simbólicos que tem por base o seu próprio corpo. Quando uma criança “faz que beba uma xícara” levantando um cubo que tem na mão a boca e levantando o queixo repete simbolicamente o ato de beber, internalizado como esquema. Às vezes o corpo da criança é utilizado para imitar certos movimento alheio ou mecânicos como, por exemplo, os eixos de um trem, a compreensão na imitação da articulação de tal movimento é incrivelmente precoce, se relacionada com sua compreensão conceitual, já que a criança não consegue desenhar os movimentos desses movimentos na mesma idade em que é capaz de imitá-los”.

2.1.10 - Jogo de Regras

Conforme (Piaget, 1975. P.185) jogos de regras permite que o individuo vivenciar acertos e erros que contribuirão com o desenvolvimento com de combinação sensoriais motoras ou intelectuais em que há competição dos individuos e regulamentada que por um código transmitido de gerações por gerações que por acordo momentâneo.

2.2 - Análises dos Instrumentos Utilizados

2.2.1- Anamnese

A mãe de I relata que não fez nenhuma transfusão de sangue durante a gravidez e teve anemia profunda e era muito nervosa e tinha medo de morrer. Sentiu a criança mexer com 4 meses, I afirmou a cabeça com 2 meses, sentou sem apoio com 4 meses, não engatinhou, ficou de pé com 6 meses e andou com 7 meses.

I tem alergia intestinal e bronquite alérgica e teve convulsão. I não dorme bem e agitada, ronca muito fala dormindo e é sonâmbula. I foi amamentada ate 1 ano e 10 meses. E forçada a comer e foi exigido que usasse a mão direita para escrever.

Segundo Fernández (1991, P. 48). O aprender transcorre no seio de um vínculo humano cuja matriz toma forma nos primeiros vínculos mãe – pai – filho – irmão, pois a prematuridade humana impõe a outro semelhante adulto para que a criança, aprendendo, possa viver.

A criança pode não aprender, assumindo o medo de conhecer e de saber da família ou respondendo a marginalização sócio-educativa.

Mas o que sucede na estrutura individual desse sujeito para que seja ele e não outro membro da família que se ofereça como vítima?

A resposta a esta interrogação encontra-se na relação particular entre o organismo e o corpo, inteligência e o desejo desse sujeito, transversalizados por uma particular situação vincular social.

A paciente foi encaminhada através da direção escolar, permitindo o encontro entre família e estagiária.

Conforme (Weiss 2008, p.63). é importante colher dados significativos sobre a história de vida do paciente. E como e como quem fazer essas entrevistas.

A entrevista foi realizada com a mãe M, ela relata que percebeu a dificuldade de I na leitura e escrita ao sair da creche para a escola.

A mãe relata também que I gosta de ir para à escola e é bem aceita pelos colegas, apesar de ser repetente.

Conforme o relato da mãe M. I é bruta e ignorante com os pais e a irmã mais nova e a mãe usa o castigo para corrigi – La.

Quanto ao desenvolvimento emocional I é birrenta, chorona, brava, agressiva e desligada.

A criança nasceu de 9 meses. A mãe sentiu a criança mexer aos 4 meses, sentou sem após ao 4 meses, não engatinhou, ficou de pé ao 6 meses e andou com 7 meses.

A mãe de I relata também que não fez nenhuma transfusão de sangue, teve anemia profunda, era muito nervosa tinha medo de morrer.

De acordo com o relato da mãe M, I tem alergia intestinal e bronquite. Teve convulsão.

I não dorme bem durante a noite é agitada e ronca e fala dormindo.

I foi amamentada até 1 ano e 10 meses de idade. Ela é forçada a comer e foi exigido que usasse a mão direita para comer e escrever.

2.2.2 - Entrevista com o Cliente

Na entrevista I demonstrou ser calada, respondendo apenas o que foi perguntado. I tem 9 anos, não soube seu endereço e nem data do seu aniversário I tem uma irmã de 6 anos e um irmão de 3 anos por parte de pai.

I deixou claro que gosta de sua família e da família do pai. Ela ajuda a mãe na organização da casa, sai para passear com a família no fim de semana, mas sente falta de liberdade para brincar fora de casa, pois a mãe não a deixa sair devido o perigo na rua. I demonstra uma responsabilidade com a irmã imposta pela mãe, isso é um dos motivos que a impede de conquistar essa “liberdade”.

I relata não ter tempo para realizar as tarefas de casa devido a arrumação da casa, pois esse motivo a professora deixa sem recreio e ela diz não gostar.

I demonstra não ter muita satisfação na escola devido a quantidade de tarefas que a professora passa no quadro e ela não consegue copiar, a professora apaga e passa mais. Esse fato faz com que I se sinta desmotivada e não consegue acompanhar a turma e nem o ritmo da professora, não concluindo o que começou, I não interage com os colegas no desenvolvimento cognitivo.

I diz ter muitas amigas e bem aceita no grupo. I gosta de ouvir história com musical principalmente do chapeuzinho vermelho, ela memoriza, canta e dramatiza.

Segundo (Fernández 1991, P.48). A aprendizagem é um processo cujo matriz é vincular e lúdica e sua raiz corporal seu desdobramento criativo põe-se em jogo através da inteligência, desejo e do equilíbrio-assimilação acomodação. No humano a aprendizagem funciona como equivalente funcional do instinto. Para dar conta da fraturas no aprender, necessitamos atender ao processos (à dinâmica, ao movimentos, as tendências) e não aos resultados ou rendimentos.

2.2.3 Provas do Diagnóstico Operatório

2.2.3.1 Classificação: Mudança de Critério. (Dicotomia)

Segundo Mac. Donell (1997.p.16). A resposta de nível 1. Coleção figural, que corresponde ao pensamento intuitivo global (4/5). A criança deste nível só pode agrupar as fichas levando em conta não a totalidade delas e sim as semelhanças qualitativas (forma tamanho e cor etc.) de um elemento com o outro. Que dizer, sabe reconhecer a igualdade ou a diferença entre duas fichas, mas não pode ter em conta a relação simultânea de cada ficha com as demais.

Esta limitação não lhe permite chegar à classificação de todas elas segundo um critério. Por exemplo, cor, ou seja, dispor de um plano pré-estabelecido para a classificação. É esperado, então, que a intenção da criança em ordenar as fichas vá mudando de critério frequentemente e ela pode não utilizar todos os elementos dados. Encontramos 2 tipos frequentes de conduta:

- Alinhamento chamado assim por sua disposição linear.

A criança alinha algumas fichas que tem um par. Tem mudança de critério e geralmente não esgota o material. Mac. Donell. (1995. P.5).

2.2.3.2 Prova de Intersecção de Classe

Resposta de nível 1. Intuitivo global. A criança é capaz de constatar com acerto as perguntas que recaem sobre as classes não relacionadas (2 e 3), mas ainda não pode compreender as perguntas referentes à inclusão e a intersecção. Tão pouco tem êxito nas perguntas suplementares porque não leva em conta o conteúdo da intersecção. Exemplo: o que há de no círculo verde? R: redondas azuis, o que há no círculo preto? R: quadradas azuis. Mac. Donell (1995. P5).

2.2.3.3 Classificação: Inclusão de Classe

Resposta do nível 2. condutas intermediárias, se observam poucas condutas intermediárias. Notam-se dúvidas por parte da criança na pergunta: há mais margaridas ou mais flores? A criança às vezes responde “é o mesmo”, justificando esta resposta com o argumento as margaridas também são flores nesse nível o experimentador contesta bem as perguntas 3ª . 3b. Mac. Donell (1995. P 5)

2.2.3.4 Prova de Conservação (Transvasamento)

Avaliação

Resposta de nível 1. não conservação: Corresponde à etapa intuitiva global. Em cada um dos transvasamentos, a criança julga que uma quantidade é maior. Ex: este tem mais porque está mais alto”. Frente as contra argumentações, o experimentador é quem chama a atenção da criança sobre a dimensão não

observada, a criança mantém seu juízo ou considera que a outra quantidade é maior.

Quando recordada a igualdade de quantidade inicial, não modifica de forma alguma o seu juízo. Neste nível o problema de “retorno imperico” a inversibilidade pode ou não ser resolvida corretamente. Mac Donell (1995. P.6)

2.2.3.5 Prova de Conservação de Peso

Resposta de nível 2 são condutas intermediárias próprias do pensamento operatório concreto em se primeiro momento. Aparecem juízos que oscilam entre a conservação e a não conservação, de três maneiras principais.

Para a mesma transformação julga a criança alternadamente que os pesos são iguais e diferentes a salsicha pesa mais, não, é a bola que pesa mais, não as 2 pesam o mesmo tanto. Mac Donell (1995. P.6).

2.2.3.6 Seriação

Resposta de nível 3. Êxito por método operatório, pensamento operatório concreto.

A criança consegue, neste nível facilmente a seriação utilizando um método sistemático, que consiste em buscar, primeiramente, entre todos os elementos, o menor, depois o menor entre os que restam e assim sucessivamente até completar a serie.

Este método responde a um esquema propriamente operatório, pois da testemunho de um critério reversível, que dizer, a criança considera que um elemento qualquer é, ao mesmo tempo, maior que os precedentes e menor que os seguintes.

Neste nível, a criança consegue facilmente a inclusão de um elemento ausente ou a inclusão de outros elementos, como é o caso do palito “P”.

2.2.4 Provas Projetivas Psicopedagógicas

2.2.4.1 Eu e Meus Companheiros

Ao desenhar I coloca-se ao lado de uma colega, fora do âmbito da sala de aula. No relato I adora as relações de amizade e de aprendizagem assistemática,

pontuando apenas fazer trabalho em grupo. A partir de tais considerações pode – se inferir que I valoriza as atividades ligadas as aprendizagem assistemática estabelecendo um vinculo positivo. I relaciona amizade com ajuda nas atividades propostas.

São seus amigos aqueles que a ajuda nas tarefas. Assim pode inferir que I ainda não desenvolveu um vinculo positivo de aprendizagem com o grupo.

O desenho é pobre sem criatividade, sem flexibilidade, o que demonstra empobrecimento do objeto de conhecimento, isso aponta para uma modalidade de aprendizagem hipoassimilada-hiperacomodada que segundo Fernández 1991. P.110 (pode - se descrever a hipoassimilação como uma pobreza de contato com o objeto que redunde em esquema de objeto empobrecido, déficit lúdico e criativo. A hiperacomodação: pobreza de contato com a subjetividade, supereastimilação da imitação, falta de iniciativa obediência a critica às normas, submissão. Lamentavelmente, a modalidade de aprendizagem hipoassimilativa – hiporacomodativa é a de nosso sistema educativo, muitos “bons-alunos” encontra-se nesta situação.

2.2.4.2 Família Educativa

O tamanho do desenho é médio é um vinculo relativamente importante, com os personagens lado a lado isso significa um vínculo regular de aprendizagem.

No desenho I coloca-a família separada, cada um desenvolvendo suas atividades individualmente. O padrasto trabalhando com carroça, a irmã lavando vasilha a mãe ensinando a colega fazer as unhas e ela limpando a casa. Percebe – se que não há um vinculo de aprendizagem com exceção da mãe que ensina para a colega o que sabe fazer.

De acordo com os indicadores de (Visca, 1995). As atividades de cada personagem mostram em geral cenas que cada um sabe fazer em casa e muitas vezes fora dela.

A primeira alternativa num caráter intimista, no entanto a segunda um caráter mais profissionalizante.

2.2.4.3 Par Educativo

I apresenta no desenho um vínculo relativamente importante, os detalhes e tamanho, no entanto razoavelmente dimensionados indicam uma relação equilibrada onde o “negativo e o positivo” estão integrados adequadamente.

I desenhou o ensinante maior, pode –se entender que super valoriza quem ensina através do desenho percebe – se o objeto de aprendizagem o caderno pequeno que pode servi de cortina de deposição de projeções negativas.

I coloca-se lado a lado da colega, fora de sala de aula, depois o desenho acontece num âmbito extra escolar entende –se que a criança estabelece um vínculo melhor com a aprendizagem assistemática.

2.2.4.5.1 – Língua Portuguesa

Ditado

I ao escrever registra os símbolos convencionais, mas demonstra não compreender a junção das palavras.

Para Ferreiro uma criança pode conhecer o nome ou valor sonoro das letras e não compreender o sistema da escrita.

Pode-se afirma que a hipótese de construção de escrita da paciente “I”, é compatível com o nível 4. silábico alfabético, que segundo Ferreiro (2005). O minucioso fato conceitual não se caracteriza exatamente como um nível, mas como uma transição entre o silábico e o alfabético.

A hipótese silábica entra em contradição com o valor sonoro atribuído as letras. A criança resiste com razão em abandonar duas idéias que abandonar que elabora que faz falta certa quantidade de letras para que algo possa ser lido e que cada letra representa uma sílaba.

Produção de Texto

Ao pedir para I escrever sobre ela numa produção de texto de imediato I respondeu: “Eu não sei escrever”. Disse então a ela que registrasse sua história do jeito que soubesse a partir do seu conhecimento com a escrita.

Então pude perceber através do que ela produziu que sua dificuldade pode ser que o que está sendo trabalhado na sala de aula não corresponde com seu nível de escrita, dificultando seu desenvolvimento na aprendizagem. Porque muitas vezes

o professor não atende o aluno nas suas dificuldades fazendo com que o mesmo se isole, não dando oportunidade para o seu desenvolvimento individual.

Para Weiss, (2008) “As dificuldades escolares podem estar ligadas à ausência de estrutura cognitiva de modo a possibilitar a aquisição dos conteúdos programáticos ensinados em sala de aula. O conhecimento se constrói pela interação entre o sujeito e o meio de modo que do ponto de vista do sujeito ele não pode aprender algo que esteja acima do seu nível de competência cognitivo”.

“Desta forma cada um dos temas de ensino supõe uma coordenação de esquemas em um âmbito prático, representativo, conceitual e concordante com um nível equilibrado particular, obtido através de regulações, descentrações intuitiva ou operações práticas ou formais. (Pain, 1986).

Interpretação de Texto

I reconhece a letra dentro da palavra, mas não consegue interpretar o texto, por ter dificuldade na leitura alguma palavra simples ela consegue ler com lentidão as demais ela soletra sem saber o seu significado e não faz junção de som e sílabas.

I consegue interpretar oralmente o texto, mas fica impossível a interpretação através da escrita se não tem domínio da leitura.

E preciso criar situações que desperte o interesse de aprendizagem e que tenha significado para ela.

I apresenta da hipótese silábica para a alfabética o conflito que se estabeleceu entre uma exigência interna da própria criança (o número mínimo de grafias) e a realidade das formas que o meio lhe oferece, faz com que ela procure soluções. Ela, então, começa a perceber que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras, ainda que não o faça corretamente.

Segundo Emília Ferreiro, aprender a ler implica o desenvolvimento de estratégias para obter sentido do texto. Implica o desenvolvimento de esquemas acerca da informação que é representada nos textos. Isto somente pode ocorrer se os leitores principalmente estiverem respondendo a textos significativos que se mostram interessantes e tem sentido para eles.

Cópia

I tem facilidade para cópia, tem boa coordenação motora e letra legível. Porém apresenta as dificuldades gramáticas, troca de letras e algumas palavras ela escreve separadas.

De acordo com Weiss (2008. P.98). As omissões, trocas e acréscimos de letras, sílabas ou palavras podem representar, momentaneamente, ações na vida familiar de separações, abandono, novos irmãos ou simplesmente indicadores de dificuldades pedagógicas existentes na construção normal da língua escrita, má condução da sistematização no processo de alfabetização no processo de alfabetização entre fonemas e grafemas.

2.2.4.5.2 - Matemática

Operações

I usa os dedos das mãos para adicionar e subtrair e precisa de ajuda para raciocinar, não tem iniciativa, necessita do outro para a realização das atividades. Não tem autonomia, I ainda está construindo o número segundo Kamii (1984. P.19).

O “número é uma síntese de dois tipos de relação que a criança elabora entre os objetos. Uma é a ordem e a outra é a inclusão hierárquica.” Muitas vezes, quando pedimos a uma criança que conte alguns objetos, o que ela faz é reproduzir a sequência numérica decorada, sem se preocupar se contou mesmo todos os objetos ou se alguns deles foi contado mais de uma vez.

Situação Problema

I não realiza as atividades só, pois não possui leitura convencional, logo não interpreta e é possível que não compreenda o enunciado das tarefas. Pude perceber que sem fazer a leitura e sem a compreensão I não se esforça para a realização das atividades, ela necessita da indução para raciocinar e resolver os problemas.

Segundo Weiss (2008. P.99). Verificam-se o raciocínio matemático colocando-se desafios mais lúdicos e problemas mais formalizados, retirados de diferentes livros didáticos ou de situações reais, e construídos a partir de propagandas, recortes de jornais e revistas. A escolha deve recair sobre a clareza do enunciado, o nível do raciocínio compatível com a idade e escolaridade.

2.2.6 - Entrevista com a Professora

A queixa da professora E sobre a aluna I é dificuldade na aprendizagem. E relata sobre a mesma que I é boa, comportada e tímida. I é sociável e brinca com os colegas no recreio diante de situações novas ou diante do fracasso I se retrai e não tem iniciativa na realização das tarefas, não é criativa.

Só realiza as atividades com ajuda dos colegas. A professora “E” relata também que I não tem atenção na explicação e nas regras. A expectativa dela sobre a aluna em relação ao desenvolvimento e que se desenvolva sua aprendizagem, na leitura, escrita e raciocínio lógico matemático.

A professora acha que I tem algum bloqueio pessoal e o que seria necessário para resolver esse problema seria um trabalho direto com a psicóloga. A professora tem dificuldade de lidar com a aluna I, pois I não demonstra participação.

De acordo com o relato da professora pude perceber que I necessita de algo novo que chame sua atenção, se ela se retrai e porque tem medo de arriscar, pode ter passado por alguma situação desagradável na sala de aula ou em casa com os pais que travou seu desenvolvimento. E preciso então mudar o modo de trabalhar com ela, de uma forma mais agradável que chame sua atenção, motivando-a e levantando sua auto-estima.

De acordo com Weiss (2008. P.105). As dificuldades escolares podem estar ligadas à ausência de estrutura cognitiva adequada que permita a organização dos estímulos de modo a possibilitar a aquisição dos conteúdos em sala de aula.

2.2.7 - Observação do Material Escolar

Weiss (2008, P.94). A análise do material escolar implica verificar a metodologia utilizada em sala de aula, ou seja, a qualidade didática. Por exemplo, no que se refere ao erro, observa o tipo de erro ou acerto do paciente, o modo como esse é encarado pelo professor, se é assimilado, revisto e trabalhado na construção de conhecimento. Observa – se também como anda a organização em nível de antecipação e estruturação das atividades, o cuidado ou não com seus diferentes materiais.

Através da observação de material escolar percebe – se que o ensino é tradicional. As atividades predominantes são produção e interpretação de texto, resolução de situação problemas e operações.

A criança não apresenta um nível adequado ao ano escolar e sua faixa etária, não compreende o que é dito pela professora. As atividades propostas não estimula o interesse e criatividade da aluna I não interage e não participa atentamente, não interage e não consegue resolver sozinha suas atividades e depende da ajuda do outro.

2.2.8. - Hora do Jogo

Mediante aos estudos realizados entende – se que I apresenta sintoma, sendo a modalidade de hipoassimilação e hiperacomodação.

O inventario de I, mostrou – se entusiasmada e curiosa na Hora do Jogo. Quis ver o que tinha dentro da caixa e manipulou artificialmente os objetos, mostrando dificuldades em jogar. Fernandes (1991, P.172). A criança trata de classificar de alguma maneira o conteúdo da caixa através da manipulação superficial dos objetos, experimentando seu funcionamento.

A organização: I pega uma massinha transforma segundo ela em animais e outros elementos, mas nada tem a ver com que ela descreve de acordo com os objetos. Fernández (1991, P.172). Aqui se manifesta a relação que a criança tem com os objetos e a possibilidade de antecipação, relacionada com a capacidade de espera e de “estar sozinha”. Sabemos que para que possa aprender, o sujeito deverá estar diferenciado do objeto e manter com ele uma distancia necessária para que o objeto se recorde e diferencie integração apropriação.

I tem dificuldade nesse terceiro momento da hora do jogo não apresenta capacidade e domínio no jogo. (Fernández (1991, P.173). Logicamente, uma criança que estruturou um problema de aprendizagem- sintoma ou inibição cognitiva não poderá chegar a este terceiro momento do jogo e apresentará dificuldades em diferentes graus e tipos nos dois momentos anteriores.

2.2.9 - Atividades Lúdicas

Durante todo o estagio I demonstrou satisfação e curiosidade na realização das tarefas. Nas atividades lúdicas faltou um pouco de capricho e criatividade.

De acordo com Weiss (2008, P72, 74) no brincar, a criança, constrói um espaço de experimentação, de transição entre o mundo interno e externo. Nesse espaço transicional: Criança – outro, individuo – meio, dá – se a aprendizagem. Por essa razão, o processo lúdico é fundamental no trabalho psicopedagógico.

A visão de Winnicott. (1975), contudo, possibilita uma compreensão mais integradora do brincar da aprendizagem.

É no brincar, e somente no brincar, que o individuo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral e é somente sendo criativo que o individuo descobre o eu (Self) (1975, P.80).

2.2.10 - Jogo de Regras

I não demonstrou dificuldade no jogo de regras, conseguiu memorizar todos os pares no jogo da memória, montou o quebra – cabeça sem nenhuma dificuldade, mantendo sempre calada na execução das atividades. Pude perceber nela a satisfação de manipular os objetos e poder jogar.

Macedo (1997, P.56) no jogo de regras e conseguiu jogar e compreender o seu fazer implica na assimilação recíproca de esquemas e coordenação de diferentes pontos de vistas. A coordenação de ponto de vista permite o descentramento do sujeito e a possibilidade de reciprocidade interpessoal com seu parceiro de atividade. Devido seu caráter eminentemente social, o jogo de regras favorece cooperação ao submeter as ações dos sujeitos as normas de reciprocidade.

3. Hipótese Diagnostica

I apresenta modalidade da hipoassimilação e hiperacomodação que de acordo com Fernández (1991. Pg. 110) podemos descrever a hipoassimilação como uma pobreza de contato com o objeto que redonda em esquemas do objeto que redonda em esquemas do objeto empobrecidos, déficit, lúdico e criativo.

A Hiperacomodação: pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da imitação, falta de iniciativa, obediência acrítica às normas, submissão. Lamentavelmente, a modalidade de aprendizagem hipoassimilativa / hiperacomodativa é a vedete de nosso sistema educativo. Muitos “ bons alunos” encontra – se nesta situação.

Diante da análise pude perceber que I apresenta problema de aprendizagem sintoma. Fernández (1991, P.85). O sintoma alude e ilude ao conflito. Fala através dele de forma encapsulada. O sintoma é o retorno do reprimido é uma luta entre a instancia consciente e inconsciente, para que aquilo que se perdeu e se pretende reprimir, mantenha se reprimido. O sintoma problema de aprendizagem traz consigo, habitualmente, perturbação instrumentais expressas no corporal, a medida em que está atrapalhado a possibilidades de aprender e esta instala-se na infância, perturbará conseqüentemente a estrutura cognitiva e a imagem corporal.

4. Sugestões e Encaminhamento

4.1 - Sugestões para Família

Participe da escola freqüentando as reuniões de pais e eventos escolares.

Esteja presente na realização das tarefas de casa incentivando e mostrando interesse na vida escolar.

Observar a mochila para que não falte material e estabelecer responsabilidade e cuidado com os seus objetos escolares.

4.2 - Sugestões para Escola

- Promover atividades lúdicas para as aulas
- Criar espaço físico adequado para a realização das atividades propostas diferenciadas.
- Criar um ambiente que estimule a leitura prazerosa.
- Propor encontro com os professores para troca de experiência.
- Realizar oficinas para enriquecer as aulas.
- Orientar e estimular os professores na realização dos conteúdos trabalhados.

5. Conclusão

Durante o estágio supervisionando do estudo de caso clínico pude observar que é uma criança calada, tímida e que tem grande dificuldade na leitura e escrita. Através do trabalho realizado, compreende-se a importância da psicologia como sendo a área que estuda as dificuldades do educando e as investigações desde a gestação para então compreender suas dificuldades proporcionando condições de tratamento para que haja uma aprendizagem eficiente ou um trabalho de prevenção.

Diante do estudo de caso avaliado percebe a necessidade do psicopedagogo em intervir com caráter preventivo a criança pela qual foram realizados as pesquisas que demonstrou um problema de aprendizagem, que futuramente poderá apresentar sintoma; Sendo assim a escola deve propor um trabalho conjunto auxiliando os novos conhecimentos pedagógicos necessários para desenvolver as habilidades da criança no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSA. Nádia Aparecida. **A Psicopedagogia Brasil**. Contribuições a partir da prática. Porto Alegre. Artmed 2000.

- Fernandez, Alicia. **A Inteligência aprisionada**. Porto Alegre. Arte Médicas 1991.
- Ferreiro, Emília Teberosky, **A Psicogenise da Lingia Escrita**. Ed. 188. São Paulo. Ed. Abril 2005
- MAC. Donell. José Conte Manuel. **Provas de diagnósticos Operarios**. Ed. C.E.M Buenos Aires 1979.
- MACEDO. Lino. de. **A importância do jogo de regras**. Para a construção do conhecimento na escola. Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia – 1997]
- KAMII, Constance. A criança e o numero, **Implicação educacionais de teoria de Piaget**. Campinas São Paulo. Pars. 1993.
- PAIN. Sara. **Diagnostico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed. 1985.
- Self – estreen; the brizzle of. Low reagard. New-York. Plemun. 1975.
- VISCA. Jorge. **Técnicos Projetiva psicopedagogicas**. Buenos Aires 1995.
- WEISS. Mara Lúcia, Lemme Psicopedagogica Clinica. **Uma Visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro. Lamparina. 2008.
- Alfabetização em Processo – Emília Ferreiro. Tradução de Marisa do Nascimento Paro e Sara Cunha Lima. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2001, 136 p
- Winnicott, D.W. O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro imago, 1975.
- Self – esteen; the buzzle of low reagard. New York. Plemun. 1975

Anexos

O pai de I é o Sr. J. ele cursou até a 2º série e ele faz bico tem 29 anos de idade e é natural de Alexânia. Go.

A mãe M. estudou ate o 1º ano do ensino médio e sua profissão e manicure e pedicure, tem 30 de idade e natural do maranhão e é católica. Os pais de I tem mais uma filha I.C. de 6 anos e cursa o 1º ano do ensino fundamental.

Segundo a mãe de I a filha sabia ler na creche e percebeu sua dificuldade quando ela foi para a escola. Procurou ajuda com a psicóloga através da escola, mas não faz nenhum outro tratamento.

A mãe relata que não fez nenhuma transfusão de sangue durante a gravidez de I, e sentiu a criança mexer com 4 meses. Quando estava grávida caiu da escada e durante a gestação teve anemia profunda era muita nervosa e tinha medo de morrer.

Não se lembra de nenhum episódio marcante durante a gravidez. I, nasceu de 9 meses com 3.600 Kg não lembra quantos centímetro e desmaiou durante o parto. O bebê chorou logo que nasceu ela era escandalosa e não tem nenhum problema ao nascer.

I, não sofreu nenhum acidente e não submeteu nenhuma cirurgia. Ela tem alergia intestinal não pode comer nem beber com chocolate e tem também bronquite alérgica reclama de dor nos olhos e dor de cabeça de vez em quando, teve convulsão por ter comido carne de porco. Sempre que tem febre alta a mãe leva logo ao medico, ninguém na família teve convulsão I, foi amamentada ate 1 ano e 10 meses. Hoje não come de tudo, mas arroz e feijão e é forçada a comer com o cinto na mão, recebe ajuda para comer quando não consegue comer.

I, não dorme bem e é agitada durante o sono e fala dormindo, também e sonâmbula levanta dormindo abre a porta e sai. Ronca muito dorme no mesmo quarto dos pais, sendo que a mãe e separada. I gosta de estudar, mas não tem o habito de leitura. Faz as tarefas que a professora passa, a mãe estuda com I em casa, não muda de escola depois da creche, tem dificuldade em matemática na leitura e escrita.

E quieta e tímida na escola a professora acha ela boa aluna, silenciosa fica na Dela.

A primeira palavra que falou foi vovó com 1 ano de idade. Ela não gagueja, mas troca as letras não notou nenhuma alteração na comunicação.

Quanto a sexualidade não foi feita nenhuma educação sexual I tem curiosidade sobre o que e camisinha, mas os pais não conversa sobre sexualidade de acordo com o assunto não entra em detalhes, pois não sabe como explicar I, gosta de brincar com os primos e prefere brincar com crianças maiores e tem facilidade para fazer amizades. E ignorante com os pais, bruta com a irmã e as medidas disciplinares usadas e o castigo fica um sem ir na casa da avó A reação de I e ficar emburrada.

I vive na verdade com a mãe e o padrasto durante a entrevista a mãe não relata que é separada. I dorme no mesmo quarto porque a casa só tem dois cômodos quarto e cozinha mas dormi na cama sozinha ela não vai para cama dos pais.

O quarto do bebê era normal firmou a cabeça logo, com e meses queria levantar, sentou se apoio com 4 meses e não engatinhou, ficou de pé com 6 meses

e andou com 7 meses. “I” é lenta para realizar as tarefas, vestir e tomar banho sozinha, calça e só dar nós nos sapatos e desastrada. Anda de bicicleta desde os 5 anos. Esporte só na educação física, e destra, dói exigida que usar - se a mão direita para comer e escrever. Todos da família são destros, I roem as unhas e não tem outra mania faz tudo sozinha.

I gosta de ir a escola é bem aceita pelos amigos, já repetiu a serie por não saber ler.

Sob o ponto de vista emocional I é chorona, birrenta e brava, agressiva e desligada.

I gosta de dançar e quando contrariada chora, no seu dia-a-dia assiste TV, vai para escola, limpa a casa, lava vasilha reclamando.

A noite faz tarefa de casa, janta e vai dormi cedo, não assiste televisão a noite.

Observação. Na entrevista com a mãe ela não relata que é separada e vive com outro homem, sendo esse homem o padrasto e não pai biológico. Durante a entrevista, percebi que o pai biológico das filhas vivia com outra família, e que tem outro filho de 3 anos. Mas ela não fala desse filho.

Entrevista com o Cliente

I tem 9 anos de idade não sabe a data do seu nascimento, seu pai é J. e sua mãe M. sua irmã I.C. tem 6 anos e faz o 1º ano e seu irmão. M com 3 anos, estuda na escola I.L.S com a professora. E, I não sabe seu endereço.

Em casa I ajuda a mãe limpar a casa e lavar vasilha e gosta de ajudar em casa, mas não gosta de ficar dentro de casa trancada, pois a casa só tem dois cômodos. A mãe não gosta que I brinque na rua por causa de carros e tranca o portão para a irmã não sair, por que se não a mãe bate nela.

I interrompe a entrevista para falar do jogo do Brasil e conta que vai ser a rainha da escola na festa junina e que vendeu todos os votos.

Quanto às tarefas de casa, realiza depois que arruma a casa ou a noite, quando não tem tempo avisa a tia na escola, porque tem muito o que fazer e não da tempo para fazer tarefa.

Quem ajuda nas tarefas às vezes a mãe ou a tia, a prima, ou sozinha a maneira em que ajudam e escrevendo a resposta no papel e I passa para a folha da tarefa, quando não da conta de fazer sozinha.

A mãe de I arruma o cabelo dela e o dela na casa das clientes e faz unha.

O padrasto arruma bicicleta e busca lenha para vender ele faz frete e mudança ele e carroceiro.

A família costuma passear no córrego violeta e na casa de Ana amiga da mãe e mora perto do córrego violeta. Domingo vai à igreja, sábado para a praça tomar sorvete o Lucas o amigo também vai.

Na escola tem muitos amigos a Vanessa, Natália, Daiane, Letícia, Iasmim, Micaella e Tainara da outra sala de aula da escola.

Gosta de brincar de pique-pega pique-cola. O que não gosta e quando a professora fica brava e não deixa ir para o recreio, quando não faço a tarefa. "I" não gosta de fazer muito dever e quando a professora apaga o quadro e passa mais.

O que acha fácil de fazer são as provas de matemática e português a professora coloca a resposta no quadro e deixa olhar no livro, o que acha difícil é as provas de história, ciências e geografia. A tia explica só uma vez. Em casa gosta de brincar de desfilas, de casinha e de escolinha.

Diz gostar de ler qualquer história e gosta de ouvir todas as histórias principalmente ouvi o cd do chapeuzinho vermelho e grava na cabeça e canta. O esporte preferido e queimada, basquete e "rolezinho" (tomar a bola do outro e fazer o gol). O programa de TV é chual e o seu talento, musica predileta todas que passam no radio, tem medo de filme de terror, anaconda, gente morta, aranha e barata, pede ajuda para as amigas a mãe e a tia.

3.3 Sessão: Provas Operatória

Classificação: Mudança de Critério (Dicotomia)

Coloquei sobre a mesa o material onde a I, pode visualizar e manusear o material sendo esta as fichas de E.V.A.

Pedir então a ela que observasse e perguntei:

-- O que você está vendo?

I. Responde:

-- Bola e quadrado.

Depois ela ordenou separando as fichas por formas uma pilha de quadrados, misturando as cores. I, disse que era para ficar colorido.

Em seguida na caixa com a divisão interna separou em dois grupos, círculos brancos e quadrados vermelhos de um lado e círculo branco e quadrados azul de outro lado e o azul que sobrou ela colocou no primeiro grupo.

Quando perguntei a ela porque usou esse critério ela disse que a mistura das cores era para ficar colorido e a pilha seria como escada para ir até a montanha porque a casa do pai fica perto da montanha.

Depois pedir que mudasse o critério e organizasse de outra forma e separou por cores, círculos vermelhos de um lado.

Na segunda mudança de critério I, separou diferente usando o mesmo critério das cores, ela montou uma casinha. Perguntei como foi feito da primeira vez e ela disse que separou “azul de cá e vermelho de lá”

Na terceira mudança separou por tamanho e cores. Ela não demonstrou dificuldade em realizar as provas e sempre disposta e concentrada I, é muito calada, só responde o que perguntou a ela.

Sessão: Provas Operatórias

Classificação: Inclusão de Classe

Solicitar que reconheça as flores e nomeei-as: I, responde: flor sol (girassol) e rosas vermelhas.

Entrevistadora: margarida são flores?

Entrevistada: sim é.

Entrevistadora: rosas são flores?

Entrevistada: é.

Entrevistadora: você reconhece outras flores?

Entrevistada: sim, rosa branca, flor rosa e copo de leite.

Entrevistadora: neste ramo há mais margaridas ou flores?

Entrevistada: mais margaridas.

Entrevistadora: como você sabe?

Entrevistada: porque é muito e tem três em cada galho e rosa só tem uma em cada galho.

Entrevistadora: repetindo a pergunta anterior.

Entrevistada: o de margarida porque tem muito

Entrevistadora: vamos imaginar que existem duas crianças que querem fazer ramos uma faz um ramo com margaridas e a outra faz ramo com as flores. Qual ramo tem mais flores? O de margarida.

Entrevistada: O de margaridas

Entrevistadora: se eu te der as margaridas o que sobra no meu ramo

Entrevistada: só ramo?

Entrevistadora: se eu te as flores o que sobra no meu ramo?

Entrevistada: nada

Entrevistadora: se eu fizer um ramo com todas as margaridas e você vai fazer um ramo com todas as flores. Quem terá o ramo maior? Como você sabe?

Entrevistada: Eu tenho o ramo maior, porque é grande e grosso.

Avaliação

Resposta de nível 2.

Condutas intermediárias, nota-se dúvidas por parte da criança, na pergunta há mais margaridas ou flores?

Prova de Conservação das Quantidades de Líquido

Transvasamento

Os copos A1 e A2 são idênticos? Não um é maior.

Pego a garrafa e coloco água no copo A1 e a paciente coloca água do mesmo tanto no copo 2.

E pergunto: se eu beber o líquido A1 e você o líquido A2 vamos beber a mesma quantidade?

Sim.

Ou o mesmo tanto? Não

I, disse: “Você vai beber mais, mas não soube explicar

1º transvasamento

Se colocarmos água A2 obteremos a mesma quantidade de bebida para tomar? Ela disse que não.

Ou alguém terá mais? Ela disse que a entrevistadora, e quem tem menos? Ela responde: “Eu”.

Se bebermos vamos tomar a mesma quantidade? Ela disse que sim.

Como você sabe? “Porque tem o mesmo tanto”.

2. Transvasamento

Coloca água de A2 em C e faz comparação como no primeiro.

Ela disse que A2 tem mais, mas não sabe explicar, sendo que tem o mesmo tanto. E ela compara assim: o que tem mais é o copo pequeno e o que tem menos e o copo maior, tem muito.

Onde tem mais D3 ou D4

“D3 tem mais e D4 tem menos. Porque eu medir os dois encostando um no outro”.

Mas na verdade tem o mesmo tanto de líquido.

Quem vai beber mais? Nos dois. A mesma quantidade o D3 tem mais.

Avaliação

Resposta do nível 1

Corresponde a etapa intuitiva global.

A criança julga que uma das quantidades é maior, ex: este tem mais, porque esta mais alto.

Prova de Intersecção de Classe

Pedir que nomeasse os elementos da 2 prova e I, nomeou o círculo como bola e o quadrado como triângulo. Perguntei por que colocamos as fichas redondas no meio e ela respondeu: “não sei”.

Perguntei se existia mais fichas, vermelhas ou azuis e I, no primeiro momento diferenças, mas depois por si ela percebeu que era a mesma quantidade.

Voltando a perguntar se existia mais fichas quadradas, redondas ou se são iguais. I, responde que é do “mesmo tanto”. Como sabe? “Porque é a mesma quantidade” E não soube responder a última pergunta.

Avaliação

Resposta de nível 1. Intuitivo global não foi capaz de responder todas as perguntas, Tampouco tem êxito nas perguntas suplementares por que não leva em conta o conteúdo da intersecção.

Sessão: Provas Operatórias

Seriação de Palitos

1º Parte: Seriação descoberta

Apresentei os palitos em desordem, pedir que conhecesse o material e organizasse os palitos do menor para o maior.

A paciente organizou os palitos do menor para o maior sem dificuldade e disse que sabia que era pra fazer assim “ver o maior para o menor”. “O pequeno na frente depois o outro, depois o outro...”

2º Parte: Verificação da Inclusão

Entregar o palito marcado para que inclua na serie. Ela conseguiu na serie. Ela conseguiu através das marcas nos palitos.

3º Parte: Seriação Oculta Atrás de um Anteparo

Apresentar novamente os palitos em desordem. Pediu que fosse montando uma escada do menor para o maior a medida que foi recebendo os palitos. Como você pensou para fazer?

Ela conseguiu ordenar e disse que um palito e o outro e maior que o outro.

Avaliação

Resposta de nível 3. Êxito por método operatório concreto. A criança consegue, neste nível facilmente a seriação.